

Carlina Rocha A. Barros | carlinarocha@hotmail.com
Caroline Gonçalves Dos Santos
santocarolineg@yahoo.com.br
Roberta Félix Maia | robertamaiaa@outlook.com
Siberia Freitas | siberiafreitas@hotmail.com
Centro Universitário CESMAC
Maceió, Alagoas, Brasil.

O QUE TAPA O ALAGADIÇO? OS IMPACTOS DO HIGIENISMO NA QUALIDADE URBANA DE MACEIÓ/ALAGOAS (BRASIL) A PARTIR DAS INTERVENÇÕES NO RIACHO MACEIÓ

RESUMO

Entre o Oceano Atlântico – a Leste – e a Lagoa Mundaú, a Oeste, com um planalto intermediário ao Sul, origina-se Maceió. A origem do nome está atrelada às denominações, da língua tupi Maçayó, que significa “aquele que tapa o alagadiço”, talvez em alusão ao povoado se encontrar entre águas sofrendo influências da maré. Esta toponímia pode ter relação também com a existência do riacho Maçayó, atual riacho Maceió, que à época era um elemento de importância na paisagem urbana, e um dos responsáveis pelas características alagadiças do sítio. Até o século XIX, os resíduos urbanos eram despejados nas áreas encharcadas, comprometendo

a qualidade urbana e conseqüentemente a ocupação desses locais. De modo que ao final do século XIX, orientações higienistas ditaram as transformações na cidade, como drenagens e aterros de toda área úmida, levando a intervenções em canais, lagoas e no próprio riacho Maceió. Entretanto, hoje após intensas transformações o riacho tornou-se um dos principais meios de escoamento de esgoto, produzindo diversos prejuízos à urbanidade. Este artigo, portanto, utilizando-se de antigos documentos, iconografias e jornais da época, aborda os impactos na qualidade de vida em Maceió decorridos das intervenções

higienistas com ênfase no riacho que pode ter dado nome a cidade.

PALAVRAS CHAVE: HIGIENISMO - RIO URBANO - MACEIÓ.

ABSTRACT

Between the Atlantic Ocean – to the East - and Mundaú Lagoon to the West, with an intermediate plateau to the South, originates Maceio. The origin of the name is linked to names of Tupi language Macayo, meaning “one who stops the marsh,” perhaps in reference to the village is suffering influences of tidal waters. This name can be related with the existence of the creek Macayo, current called Maceió, which at the time was an important element in the urban landscape, and one of those responsible for waterlogged nature of the site. Until the nineteenth century, municipal waste were dumped in waterlogged areas, affecting the

urban quality and consequently the occupation of these sites. At the end of the nineteenth century, hygienists guidelines dictated the transformations in the city, such as drainage and embankments of all wetland, leading to interventions in canals, ponds and the creek itself. However, today after intense transformations the creek has become a major means of sewage disposal, producing several damages to urbanity. This article, using documents, iconography and newspapers of the time, reflects the impacts on quality of life in Maceio elapsed Hygienists of interventions focusing on the creek that may have named the town.

KEY-WORDS: HIGIENISM - URBAN RIVER - MACEIÓ.

INTRODUÇÃO

A difusão do ideal higienista nascido na Europa visava responder aos problemas que apresentavam as cidades que se urbanizavam rapidamente sob a pressão do aumento populacional no século XIX. Fundamentado por médicos e engenheiros sanitaristas, esse ideal partia de estudos que apontavam, dentre outros aspectos, a água como principal elemento condutor de doenças.

A cidade de Maceió caracteriza-se por uma situação geográfica bastante atrelada a águas, é circundada e cortada por oceano, lagoa, rios e seus afluentes. De modo que foi definida capital da província em meio ao alvorecer desse discurso higienista no mundo, o que impactou diretamente na forma em que se conduziu o crescimento e “desenvolvimento” da cidade.

Aos ideais higienistas aliam-se os princípios progressistas, em que se orienta além da limpeza

urbana, a busca pela estética das cidades, gerando intervenções urbanas bastante significativas no início do século XX.

Com isso, este artigo aborda a influência desse movimento nas transformações urbanas em Maceió, com ênfase nas intervenções dirigidas a um importante riacho da cidade, e que resultou em uma mudança do seu significado para população, bem como nas condições de urbanidade de parte da cidade.

A CIDADE DE MACEIÓ DO INÍCIO DA OCUPAÇÃO URBANA

A cidade de Maceió, capital de Alagoas localizada no Nordeste brasileiro, traz em seu nome uma alusão ao seu sítio natural, com a forte presença de áreas alagáveis e corpos d’água essenciais para o desenvolvimento e transporte local nos

primórdios da ocupação urbana¹. Tendo como limites a leste o oceano Atlântico e a oeste a lagoa Mundaú, desde o seu surgimento Maceió estabeleceu uma relação intrínseca com suas águas, especialmente a partir das ligações marítima e fluvial². Além desses importantes corpos d’água, conta ainda a presença de alguns rios, sendo a bacia hidrográfica do riacho Maceió uma das principais, em razão da sua ampla dimensão (influencia aproximadamente 30 km² de território) (Figura 1).

1 Nome de origem indígena (tupi), e que segundo Abelardo Duarte (1965) originou-se a partir de um riacho chamado Mas-sayó ou Maçai-ok, que significa “aquilo que tapa o alagadiço”, que posteriormente pode ter dado nome a um antigo engenho de açúcar localizado onde hoje é o Centro da cidade, um dos primeiros focos populacionais.

2 Não à toa o povo alagoano é descrito por Lindoso (2005) como um povo “anfíbio”, numa alusão à importância que as águas sempre tiveram na conformação do território e no desenvolvimento do Estado

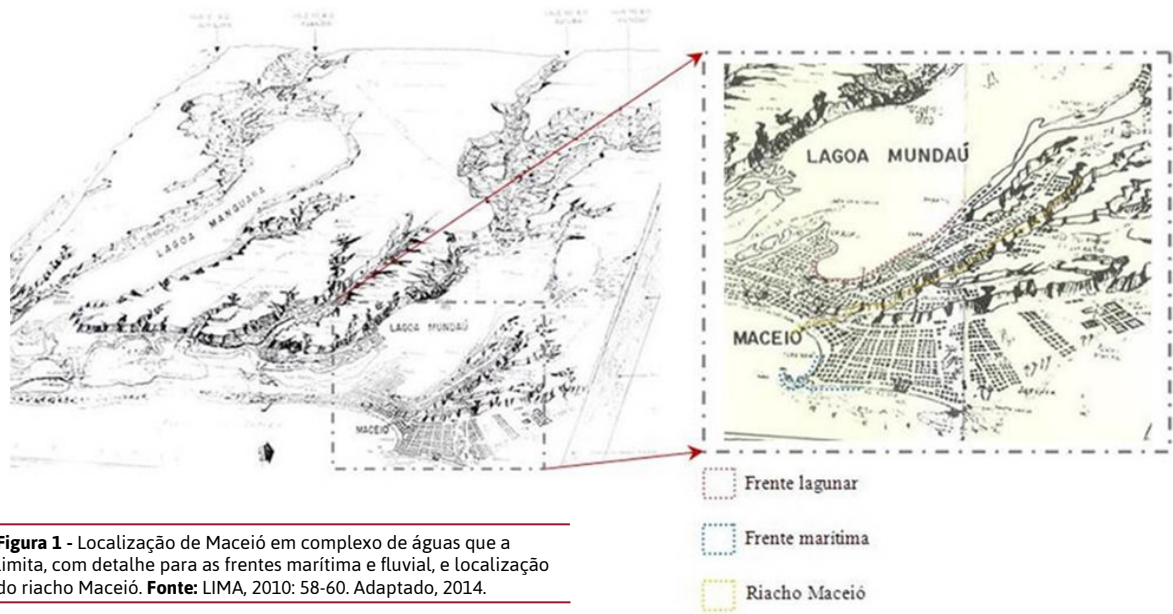


Figura 1 - Localização de Maceió em complexo de águas que a limita, com detalhe para as frentes marítima e fluvial, e localização do riacho Maceió. **Fonte:** LIMA, 2010: 58-60. Adaptado, 2014.

Assim como as águas foram essenciais para a permanência no sítio urbano, pois serviam de escoamento para as mercadorias e deslocamento de pessoas, também causavam problemas, como enchentes que ainda fugiam do controle, além de extensas áreas alagadiças. O riacho Maceió claramente delimitava e dividia o núcleo original em duas partes, sem possibilitar maiores facilidades de acesso entre Centro (onde se desenvolviam as atividades comerciais) e Jaraguá (onde se desenvolveria o porto).

Essas características naturais do sítio fizeram com durante os 3 primeiros séculos de ocupação, o povoado de Maceió se concentrasse nos bairros do Centro e Jaraguá, mesmo com a dificuldade de comunicação entre ambos, recorrendo-se a improvisação de pontes no princípio.

Esses bairros, posteriormente, vieram a se consolidar como áreas desvalorizadas devido

à concentração de edifícios para usos urbanos considerados insalubres nas áreas úmidas, a exemplo da prisão, Mercado Público, matadouro, cemitérios, dentre outros (CAVALCANTI, 1998). Além disso, até o século XIX, todos os resíduos urbanos eram despejados nas áreas encharcadas, o que comprometia a qualidade urbana e conseqüente ocupação desses locais.

Apesar de ter uma ocupação que remonta ao séc. XVIII, Maceió passa a ganhar maior notoriedade a partir do séc. XIX, devido à posição marítima e topográfica, considerado um ponto central no território alagoano, ideal para ser a Capital e administração da Província, segundo discurso do governador Silva Neves quando da mudança da capital em 1839 (MARROQUIM, 1922)³.

³ Antes mesmo de vir a se tornar Capital, a elevação de Maceió à vila em 1815 já indicava a sua importância devido especialmente ao porto.

Com a transferência da capital do Estado para Maceió, uma série de demandas e necessidades para expansão da cidade começaram a ser identificadas, levando a profundas intervenções que alteraram o sítio original ao longo dos séculos de desenvolvimento da cidade (CAVALCANTI, 1998). “[...] entre 1840 e 1869 Maceió se urbanizara numa linda cidade ordenada de bons prédios particulares e elegantes edifícios públicos, sendo assim uma capital de província que tinha aumentado e progredido” (LINDOSO, 2005:48).

As transformações urbanas tinham ainda motivações políticas e econômicas em busca de uma maior mobilidade entre as duas regiões que compunham a cidade naquele momento: o Centro (comercial), também conhecido como Maceió; e o porto marítimo, na localidade chamada de Jaraguá. Justificadas pelo discurso higienista europeu que ganhava espaço na época no cenário nacional, seguiram-se obras de drenagem e aterro transformando a natureza local composta por terrenos pantanosos e alagadiços (CAVALCANTI)

HIGIENISMO E SANITARISMO: O SURTO PROGRESSISTA

O higienismo surgiu ainda no final do século XVIII na Europa, baseado na teoria de Hipócrates em seu tratado “Dos ares, das águas e dos lugares” impactando de maneira forte no planejamento de cidades e na higiene pública (LEÃO, 2010). Calcado em estudos de médicos e engenheiros sanitaristas que compreendiam que as águas traziam os miasmas e faziam adoecer a população.

Com isso, desencadearam-se profundas alterações nas relações com os elementos físicos naturais presentes nas cidades, sendo as áreas encharcadas e os pequenos rios e seus afluentes os que sofreram maior influência a partir do domínio de técnicas a serviço do homem. Grandes, médios e pequenos corpos d’água estão presentes em

localidades urbanas diversas, configurando-se como essenciais na formação e evolução desses espaços. Inicialmente eram utilizados como meio de circulação de pessoas e mercadorias, além de se apresentarem como importantes elementos de onde muitos tinham o seu sustento e lazer. Entretanto, ao passarem a serem compreendidos enquanto fonte de doenças ou simplesmente empecilho a ocupação e expansão das cidades, tornaram-se alvos de intervenções desde canalizações a mudanças de cursos e aterros parciais.

A ação do homem sobre os cursos d'água urbanos desencadeou uma série de intervenções que influenciaram de forma decisiva a maneira como esses elementos foram incorporados ao meio urbano, expressão das relações sociais, frequentemente estabelecendo quebras de relações identitárias.

“As transformações decorrentes da ação do homem sobre esse elemento natural e suas margens, num processo de construção social ao longo da história, resultaram nas paisagens atuais repletas de diversas camadas de significados” (ANTUNES, 2006:121).

Assim, as consequências dessas ações implicam em grandes transformações no meio urbano, seguidas de um distanciamento cada vez mais evidente do espaço natural, de modo que com o passar dos anos, perde-se no imaginário coletivo símbolos e significados tão importantes no processo histórico de produção urbano de uma cidade.

Assim, como vinha sendo mencionado, essas orientações higienistas chegaram a Maceió, em meio a tentativas de expandir a ocupação urbana e modernizar o território que serviria a capital do Estado. De modo que, 6 anos após a transferência da capital para Maceió, o Código de Posturas de 1845 (GALVÃO; ARAÚJO, 1871)

da cidade já trazia a preocupação com as áreas encharcadas, indicando o aterro de pântanos e de áreas inundáveis. Tratava também da proibição de lançamento de “vidros, ferros e ossos” em terrenos de terceiros, em praças, ruas, praias, etc. os mesmos deveriam ser enterrados ou lançados ao mar em lugar profundo. Havia também a proibição de cortar lenha, árvore ou mata, promover queimadas e fazer carvão na extensão de terrenos onde houvesse nascente d'água ou riachos, bem como proibia o lançamento de qualquer imundície. Qualquer uma dessas infrações estava sujeita à multa.

Por fim, o Código determinava ainda no Título VI que para depósito do “lastro” de navios nacionais ou estrangeiros que vinham para o porto de Jaraguá para carregamentos de areia, deveria ser utilizada a boca do riacho Maceió, sem prejudicar o fundeadouro.

Observa-se que embora houvesse uma preocupação com a limpeza da cidade, fundamentava-se uma visão de que a culpa de certos problemas era dos corpos d'água, o que se vislumbra na busca pela diminuição das áreas inundáveis, e na indicação de determinados corpos d'água, como o oceano e a boca do riacho Maceió, para dispensar alguns tipos de materiais. Também em 1845, pode-se constatar nas Fallas Provinciais, preocupações relacionadas às enchentes recorrentes do riacho Maceió, indicando-se inclusive neste documento, a mudança do curso do mesmo na proximidade da sua embocadura, ou o levantamento de uma muralha de pedra, para que o riacho não continuasse a produzir estragos nos terrenos contíguos ao mar.

Houve também nesse período a intenção em intervir no leito do riacho para que o mesmo voltasse a percorrer o antigo leito, como pode ser visto na Lei Provincial de 1845, número 35. Essa

orientação devia-se a mobilidade da boca do riacho, que é tida como comum em solo arenoso, influenciada por correntes oceânicas e ventos dominantes (CAVALCANTI, 1998).

Essa mobilidade apresentava-se como problema a ser enfrentado, pois com o movimento da boca, ocorriam ocupações em locais de influência do riacho, de modo que durante as enchentes surpreendia essas famílias ribeirinhas.

Vê-se que a partir de então o riacho Maceió começa a ser visto como um obstáculo para a cidade e começam a ser pensadas intervenções que “dobrem” o mesmo aos interesses do homem. Na década de 1860, as preocupações com o embelezamento da cidade e as condições de circulação continuam, engenheiros apontavam em documento a necessidade do nivelamento da cidade por meio da harmonização dos níveis das praças entre si.

Espíndola (1860) se debruçou sobre análise aprofundada das características do sítio geográfico que lhe permitiu tirar conclusões sobre a insalubridade e assim propôs algumas ações, como: o preenchimento e drenagem de toda a área da capital por meio da promoção de aterros de pântanos, brejos; construção de prisões nas regiões centrais da província; pavimentação de vias, o que segundo o mesmo, evitaria que as ruas ficassem intransitáveis durante o inverno.

Cavalcanti (1998) destaca que as ideias de Thomas Espíndola foram seguidas de maneira ora direta ora indireta, ou ao menos, levadas para a discussão e por isso, é relevante discutir o papel higienista no processo de crescimento da cidade de Maceió. De modo que, identifica-se que os trilhos urbanos do início dos anos 1880 preencheram os pântanos do entorno da embocadura de Maceió, bem como outras áreas encharcadas da planície costeira entre o pequeno tabuleiro ao Sul e o riacho Maceió.

A estas iniciativas e preocupações se seguiu um surto progressista a partir de 1890 com uma negação da cidade colonial, levando a outras intervenções em canais, lagoas e no próprio riacho Maceió, pautadas por discursos de expansão, melhorias e embelezamento da cidade (DIEGUES JÚNIOR, 2001).

AS INTERVENÇÕES NO RIACHO MACEIÓ E ENTORNO IMEDIATO

A drenagem das áreas alagáveis que se seguiu em meados do século XIX veio facilitar o escoamento da produção de cana-de-açúcar vinda de engenhos localizados nas imediações das lagoas até o porto, no entanto o riacho Maceió⁴ apresentava ainda meandros que supostamente dificultavam essa ligação, limitando a expansão urbana e a dinâmica econômica (Figura 2).

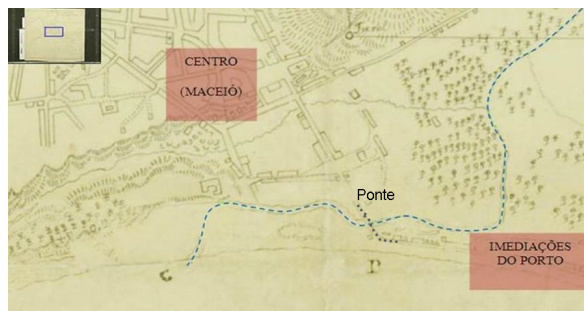


Figura 2 - Detalhe de uma planta da cidade em 1865: o riacho (em destaque azul) ainda com suas margens vegetadas e apresentando curso original, paralelo à costa marítima. **Fonte:** Organizada pelo Eng.º civil Carlos Boltzenstern em 1865. Disponível em: <<http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistarq/imagem.php?codigounion=mapo1486>>. Acesso em: 17 fev 2014.

⁴ Hoje conhecido como riacho Reginaldo, em alusão ao nome de um antigo dono das terras que o envolviam; e também como Salgadinho, já mais próximo à sua foz, devido ao encontro com o mar. O riacho possui outras denominações ao longo de seu trajeto de cerca de 50km, segundo especificidades de cada trecho da cidade.



Figura 3 - Ponte dos Fonseca sobre o riacho Maceió no final do século XIX. **Fonte:** Imagem de domínio público, s/d. Acesso em 2014.

Segundo o detalhe da planta da cidade observado na Figura 2, até 1865 o riacho apresentava em suas margens e entorno imediato, uma grande área arborizada⁵, especialmente rumo ao norte, em contraste com a ocupação urbana que parecia bastante concentrada no Centro em descontinuidade com uma ocupação incipiente junto ao porto.

Para viabilizar a comunicação entre esses dois núcleos faziam-se uso no final da Rua do Imperador

⁵ Há uma possibilidade de a área vegetada em questão ser parte de chácaras urbanas existentes nas imediações do que é hoje o bairro do Poço para cultivo e criação de animais, segundo informações levantadas em Cavalcanti (1998). Também pode ser uma representação de mata ciliar ou ribeirinha.

de pontes de madeira, muitas vezes de maneira improvisada, que ao longo dos anos frequentemente requeria alguma intervenção. Em 1857 a ponte de madeira foi considerada em estado de ruínas e era utilizada apenas por pedestres (CAVALCANTI, 1998). Nos anos 1869, o então Presidente da Província José Bento da Cunha Figueiredo Junior, solicitou a reconstrução da ponte com estrutura de ferro, para que se pudesse transitar pedestres, veículos e posteriormente bondes, sendo a mesma inaugurada em 1871, sob o nome de Ponte dos Fonseca (Figura 3)⁶. Sobre o mesmo riacho foram construídas mais

⁶ O nome foi uma homenagem a família de Marechal Deodoro da Fonseca, que tinha ido a guerra do Paraguai com mais 5 irmãos, em que 3 deles morreram

duas pontes, uma de madeira e outra de alvenaria, para melhor conexão com o porto. Com a instituição do regime republicano, a partir de 1890 como já mencionado sucede em Maceió um grande surto progressista resultado da ampliação das finanças públicas. Enquanto abriam-se e alargavam-se ruas, construíam-se praças, a população crescia, e em 1894 a cidade já se dividia em 3 bairros distintos: Maceió (centro comercial), Jaraguá e Levada ou Ponta Grossa. Junto ao riacho Maceió, no início do séc. XX já é possível perceber uma ocupação de forma aparentemente não planejada (Figura 4). Observa-se que o riacho aos poucos é inserido no contexto urbano, tendo suas margens ocupadas no baixo curso, o que em virtude da ausência de saneamento, faz com que o esgotamento e demais dejetos produzidos nesse entorno sejam despejados diretamente no riacho (Figura 5 e 6).



Figura 5 - Ocupação das margens do riacho Maceió no início do século XX. **Fonte:** Domínio público, s/d. Acesso em 2014

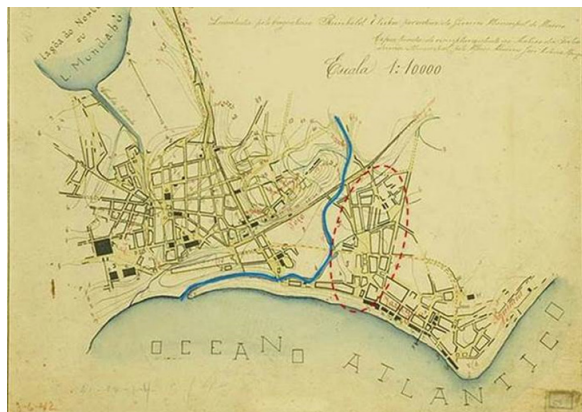


Figura 4 - Planta da cidade em 1902: ocupação ao longo do riacho Maceió com traçado irregular (destacado em vermelho). **Fonte:** Planta levantada pelo Engº Reinhold Cvicke em 1902. Disponível em: <<http://sistemas.ahex.ensino.eb.br/sistarq/imagem.php?codigounion=mapo1503>> Acesso em 17 fev 2014. Adaptado, 2014



Figura 6 - Ocupação das margens do riacho, na década de 1920. **Fonte:** Domínio público, s/d. Acesso em 2014.

Com a finalidade de dar continuidade as ações de embelezamento bastante em voga ainda no início do século XX, serão verificadas obras de retificação das margens do riacho Maceió, com uso de talude vegetado no trecho próximo a Ponte dos Fonseca (Figura 7). Nesta área da cidade estavam havendo grandes investimentos, como na praça vizinha Euclides Malta. Segundo Ferrare (2008) até as décadas de 1910 e de 1920, o eixo que propiciava a união entre o Centro e Jaraguá através da Ponte dos Fonseca tornou-se o eixo de excelência dos passeios dos moradores. De tal modo, que essa área tornou-se cartão postal da cidade, veiculado entre 1910 e 1911 (Figura 8).

Entretanto, as novas intervenções não puderam evitar as catástrofes resultantes de mais uma enchente do riacho Maceió em abril de 1924. A Ponte dos Fonseca, agora de ferro, foi destruída, deixando novamente incomunicáveis os bairros do Centro e Jaraguá.

A ponte foi mais uma refeita, dessa em vez, em alvenaria e sendo abaulada, pois estudos apontavam que o fato da ponte de ferro ser reta, teria influenciado na sua destruição. Nos anos seguintes continuaram as obras de embelezamento da cidade, sendo executada orla na Avenida da Paz e a Praça Napoleão Goulart (Figura 9).

Entretanto, acrescenta Ferrare (2008:7) que apesar de todo esse ambiente construído que é tão representativo do contexto sócio-político-econômico do Período Republicano, mudanças abruptas se seguem neste cenário quando os “arroubos do progresso exigiram o aterro do leito do Riacho Salgadinho (Reginaldo ou Maceió) e o seu desembocar direto na Praia da Avenida, em troca de uma faixa de solo disponível para mais construções”.

Com a ampliação do porto em fins da década de 1930, a área demandava por novas possibilidades.



Figura 7 - Ponte dos Fonseca sobre o riacho Maceió no início do século XX **Fonte:** Domínio público, s/d. Acesso em 2013.



Figura 8 - Cartão postal de 1910-1911: vista da praça Euclides Malta (atual Sinimbu) com riacho Maceió em primeiro plano. **Fonte:** CAMPELO, 2009:92



Figura 9 - Ponte dos Fonseca em alvenaria (à direita) sobre o riacho Maceió e a Praça Napoleão Goulart (hoje extinta) em meados da década de 1930. **Fonte:** Domínio público, s/data. Acesso em 2014.

O riacho Maceió e seus meandros ainda eram vistos como obstáculos à expansão urbana, uma vez que se pretendia a ampliação/ ocupação da costa, o que fica evidente em reportagens como a veiculada pelo Jornal de Alagoas⁷ em 1947 e que trata da importância de um projeto de retificação do riacho, enfatizando a estética da obra e a “proteção das margens” (Figura 10).

Bem como a reportagem veiculada pelo também Jornal de Alagoas em 1948 (Figura 11). Em que se afirma que o plano de urbanização de Maceió contratado dará no futuro à capital um aspecto de desenvolvimento e imponência à semelhança de outras cidades importantes do país. No projeto, constavam: o prolongamento da Avenida Duque de Caxias, remodelagem da Avenida Barão de Anadia ligando-a por aterros dispendiosos e pavimentação moderna ao prolongamento proposto da Av. Duque de Caxias. Como isso, acreditava-se que resolveriam o problema de tráfego entre Maceió (centro comercial) e Jaraguá, conferindo também um aspecto de embelezamento à capital. Assim, durante os anos de 1947 e 1948 o riacho passa por uma drástica transformação de sua paisagem, sendo canalizado e retificado. A foz foi bruscamente alterada a fim de possibilitar a ampliação da Av. Duque de Caxias e a ligação com o Centro, além da anexação de terra firme (Figura 12 e 13)⁸. Estas intervenções influenciaram na geografia e paisagem do riacho Maceió, “posteriormente foi aquele curso d’água, que passava pela Praça Sinimbu, desviado para o oitão do Hotel Atlântico, por onde sai toda a poluição de parte da cidade infestando a Praia da Avenida e toda a Enseada de Jaraguá [...]” (PEDROSA, 1998:26).

7 Segundo Marroquim (1922), o mais antigo dos diários de Maceió é o Jornal de Alagoas, fundado em 31 de maio de 1908 por Luiz Magalhães da Silveira.

8 Por não ter tido acesso ao projeto urbanístico sofrido pelo riacho, foi feita uma simulação da sobreposição dos cursos original e atual do riacho na Figura 12.



Figura 10 - Notícia do Jornal de Alagoas que revela o discurso sobre futura obra de retificação e canalização do riacho Maceió. **Fonte:** Jornal de Alagoas, 22 de Maio de 1947. Disponível em Arquivo Público de Alagoas, 2014



Figura 11 - Notícia do Jornal de Alagoas que revela ações do projeto de urbanização de Maceió. **Fonte:** Jornal de Alagoas, 31 de maio de 1948. Disponível em Arquivo Público de Alagoas, 2014



Figura 12 - Superposição da planta da cidade em 1931 sobre imagem aérea atual identificando os cursos do riacho antes e após a intervenção, assim como a área incorporada. **Fonte:** Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPPLA) e Google Maps, 2014. Adaptado, 2014.

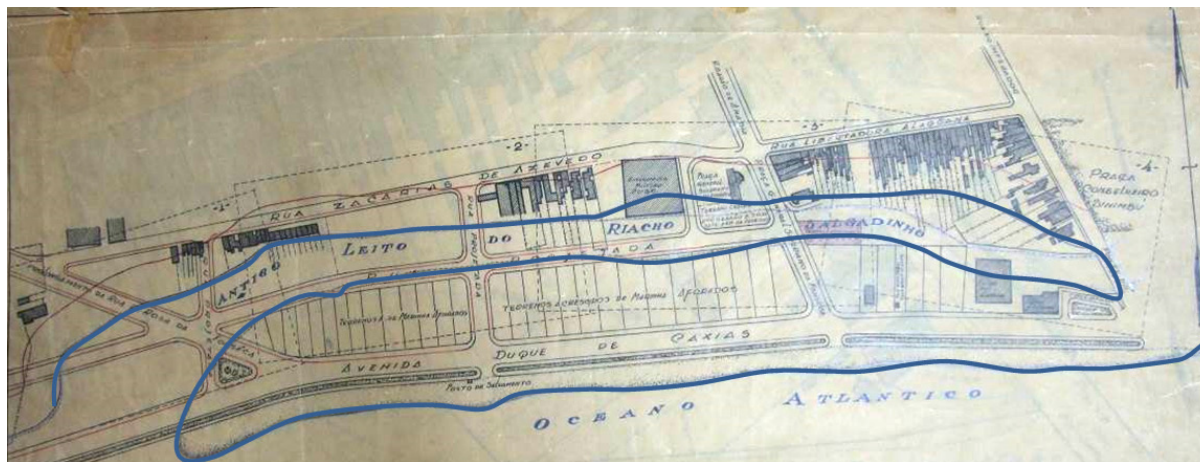


Figura 13 - Mapa de 1955 (da linha do preamar médio de 1831) com a marcação do antigo leito do riacho Maceió e o território anexado. **Fonte:** Serviço do Patrimônio da União, 1955.



Figura 14 - Ponte sobre o riacho Maceió na Avenida da Paz após obras de retificação, nova enchente em maio 1949 gera grande catástrofe urbana. **Fonte:** Domínio público, 19 maio de 1949. Acesso em 2014.



Figura 15 - Riacho Maceió em sua foz atual, poluído e desvalorizado pela população em momento não frequente com grande volume de água. **Fonte:** Acervo da pesquisa, 2014.

E antes mesmo da conclusão, registros dão conta que apesar de ter tido seu curso alterado, o riacho Maceió tentou combater à ação do homem. Após declaração do Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) sobre a importância da obra de retificação, demonstrando suas vantagens para a vida da população, identificou-se registro em 01 de Outubro de 1947 em que noticiava que o riacho Maceió “derrubou um dos paredões de represamento no lado oposto ao oitão do ‘Hotel Atlântico’” (JORNAL DE ALAGOAS, 1947), demonstrando seu descontentamento com o novo curso que lhe foi proposto.

Convém ressaltar que com a retificação, o riacho Maceió, que foi no início do século considerado um cartão postal da cidade, perdeu sua identidade. Atualmente apresenta sérios problemas decorrentes do despejo de esgotos sem tratamento, agravado pela ocupação ao longo de toda a sua bacia, em torno da qual a cidade se desenvolveu rumo a uma área de planalto. Tornando a área em que desemboca a sua nova foz, antes balneário bastante conhecido e visitado, imprópria para o banho, bem como assim se mantém a praia da sua antiga foz, imprópria para banho (Figura 15). Atualmente a sociedade não o reconhece mais como riacho, e pouco se sabe ou se fala sobre o que foi um dia o riacho Maceió e sua importância para a história da cidade e de sua ocupação.

TRANSFORMAÇÕES URBANAS E A URBANIDADE: À GUIA DE CONCLUSÃO

Observa-se que após as grandes transformações guiadas pelos princípios higienistas e progressistas o riacho que pode ter dado o nome a cidade e era significativo elemento na paisagem urbana tornou-se um dos principais meios de escoamento de esgoto.

O riacho Maceió, assim como outros elementos naturais presentes na geografia primitiva do território e com significativo papel no processo histórico da produção, foi sofrendo transformações, artificializando-se através das retificações e mudança do curso, e ao mesmo tempo distanciando-se do contexto urbano, quando antes existia a sua integração. Produzindo prejuízos não apenas econômicos, mas principalmente sociais e de condições de urbanidade, fazendo com que o mesmo perdesse sua identidade original e que a população hoje dê as costas para o mesmo.

Pode-se dizer que o riacho não mais se apresenta como elemento natural de importância paisagística e simbólica em Maceió, mas como um elemento indesejável que apresenta sérios problemas decorrentes do despejo de esgotos sem tratamento, agravados pela ocupação ao longo de toda a sua bacia, que hoje está totalmente inserida na área urbana e percorre por 12 bairros. As matas, que vinham em processo de desmatamento foram substituídas por um grande adensamento de habitações precárias que despeja seus dejetos no riacho por ausência de saneamento. A devastação de suas margens também comprometeu o volume de suas águas, apresentando-se com grande escassez nos dias atuais.

É importante, portanto, compreender essa evolução histórica e morfológica do riacho Maceió e sua inserção no meio urbano a fim de revelar sua importância para a história da cidade e de sua expansão.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Lúcia M. S (org.) (2006). Rios e Paisagens Urbanas em Cidades Brasileiras, Rio de Janeiro, Editora Viana & Mosley: Editora PROURB.
- CAMPELLO, Maria de Fátima de Mello Barreto (2009). A construção coletiva da imagem de Maceió: cartões-postais 1903/1934. Tese de doutorado em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco.
- CAVALCANTI, Verônica Robalinho (1998). La production de l'espace à Maceió (1800-1930). Tese de doutorado em Desenvolvimento econômico e social. Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne.
- DIEGUES JUNIOR, Manuel (2001). Evolução urbana e social de Maceió no período republicano. In: COSTA, Craveiro. Maceió, Edições Catavento (pp. 155-177).
- DUARTE, Abelardo (1982). "As Características histórico-geográficas da cidade de Maceió". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, Maceió, Imprensa Oficial, pp. 13- 30.
- ESPÍNDOLA, Thomaz de Bom-Fim (1860). Geographia Alagoana ou Descrição Physica, Política e Histórica da Província das Alagoas, Maceió, Typographia do Liberal, 2ª ed., 1871.
- Fallas Provinciais e Governamentais de Alagoas (1839-1930).
- FERRARE, Josemary (2008). Permanências modernistas na Praça Sinimbu – Maceió: em análise e proposta de preservação. In: 2º Seminário DOCOMOMO N-NE, Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- GALVÃO, Olympio de Arroxellas; ARAÚJO, Tibúrcio Valeriano (1871). Compilação das Leis Provinciais das Alagoas (1800 - 1871), Maceió, Typographia Commercial de A. J. da Costa.
- JORNAL DE ALAGOAS (1890 – 1949).
- LEÃO, Tharsila Maria Soares (2010). A história da paisagem da Praça Dom Pedro II em Maceió – AL. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco.
- LINDOSO, Dirceu (2005). Interpretação da Província – Estudo da cultura alagoana, 2. ed. Maceió, EDUFAL.
- MARROQUIM, Adalberto (1922). Terra das Alagoas, Roma, Editori Maglione & Strini.
- PEDROSA, José Fernando de Maya (1998). Histórias do Velho Jaraguá, Maceió, Editora Talentos.